

Perversão

Luciana Renata Brugnoli¹, Roger de Lucca², Selma Cristina Binotti¹ Discente do Curso de Psicologia do Instituto Taquaritinguense de Ensino Superior – ITES – email: luciana.brugnoli@hotmail.com ² Docente do Instituto Taquaritinguense de Ensino Superior – ITES, pesquisador da FCLAR UNESP Araraquara/SP roger_lucca@hotmail.com; ³ Discente do Curso de Psicologia do Instituto Taquaritinguense de Ensino Superior – ITES; ⁴ Discente do Curso de Psicologia do Instituto Taquaritinguense de Ensino Superior – ITES.

“Freud pôde perceber que o conjunto de práticas que constituem a sexualidade normal e que dizem respeito à estimulação das zonas erógenas, espalhadas pelo corpo todo, é experimentado desde muito cedo na vida de um ser humano” (ALBERTI, 2005). Ou seja, pôde explicitar que uma criança é um sujeito sexual, o que provocou verdadeiramente um escândalo. A criança se experimenta e procura experimentar tudo o que estiver a seu alcance, inclusive as estimulações das zonas erógenas. Demonstrar inúmeros exemplos do dia a dia na vida de uma criança, Freud pode demonstrar que, apesar de poucas vezes, uma criança ter experiências sexuais que os adultos chamam de normais, ela tem inúmeras práticas que estavam listadas na classificação de perversão. Tanto nos jogos sexuais infantis, quanto na masturbação normal da infância, ou ainda, no relacionamento com pequenos animais, a criança é um perverso polimorfo. “Assim como uma criança “brinca de sala de aula”, ela também “brinca de médico” e de outras coisas mais” (ALBERTI, 2005). Isso faz parte da formação de um sujeito, e no mínimo demonstra que há curiosidade e desejo sexual desde a mais tenra idade, além de instrumentalizar o relacionamento com outras crianças, com o mundo e formar os laços sociais. A orientação freudiana e a ética da psicanálise têm por objetivo justificar teoricamente a dissociação entre perversão e perversidade que nem sempre é clara nos discursos de psicologia. No senso comum, por exemplo, quanto à definição da perversão no dicionário, que faz pensar na maldade, na depravação, na corrupção e na malícia. “A maneira como podemos tratar disso na clínica é outra questão, mas por definição, não há regra, a perversão como conceito psicanalítico não tem necessariamente a ver com a perversidade, lugar em que tantas vezes acaba por ser alojada, mesmo em textos atuais que se querem de vanguarda” (ALBERTI, 2005). Para o desenvolvimento do texto, foi verificada a existência de um abismo entre a sexualidade infantil e a adulta, articulando ambas com o desejo do Outro e os desígnios do supereu que, com (Lacan, 1960), irão determinar a pulsão em relação com o objeto de gozo do Outro e observada, teoricamente, a articulação entre tais referências, a castração do Outro e o mal-estar na civilização. Freud explica a relação entre perversão e pulsão sobre a divisão do eu. Sugere uma criança pequena em que ele estaria se exercendo na relação com uma exigência pulsional e, de repente, essa criança é invadida por uma outra vivência que a horroriza e que lhe ensina que a persistência naquele tipo de satisfação pulsional trará como consequência, um perigo real. Esse perigo real é, o que Freud já levava toda sua vida para formalizar de forma cada vez mais radical: a castração.

Palavras-chave: articulação; desejo; gozo; perversão; pulsão.

Referências bibliográficas

ALBERTI, S. A Perversão, o desejo e a pulsão. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza.n.2.p.341-360,set.2005.

Lacan, J. (1966c). Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien. In J. Lacan, *Écrits*, (pp. 793-827). Paris: Seuil. (Originalmente publicado em 1960).

